

Instituto Socioambiental

fonte: Amazônia em Tempo class.: 2b
 data: 01-09-94 pg.: 2

Os defensores dos índios

Por Ruy Fabiano

especial para a Agência Estado

Brasília - O cientista social Hélio Jaguaribe mexeu num vespeiro ao sustentar a tese de integração do índio, via escolarização acelerada, à sociedade brasileira até o ano 2000. A tese se opôs a outra, de inspiração norte-americana e de grande aceitação no chamado Primeiro Mundo, de emancipar nações indígenas e torná-las independentes do Brasil.

Como grande parte das tribos indígenas estão instaladas em regiões de grande riqueza mineral, cobiçadas pelas potências, nada mal ter como interlocutores comerciais não mais gente especializada do Itamaraty, mas os próprios índios, trocando ouro por espelhos e coisas do gênero. Sai mais barato, entre outras coisas.

Os protestos à tese do cientista revelam desinformação a respeito do que disse ou má-fé - ou ambas. Jaguaribe não propôs extinção étnica dos índios, mas, muito ao contrário, seu acesso aos bens universais da civilização - sobretudo o mais valioso de todos, que é o conhecimento.

Se alguém supõe que o índio é geneticamente inferior a qualquer outra raça, basta conhecer Marcos Terena, candidato a deputado federal pelo PT, para mudar de idéia. Terena, índio brasileiro, tem grau universitário, fala português e inglês com fluência e é funcionário da ONU, onde preside o Comitê Intertribal Articulador dos Direitos Indígenas. É também fundador de uma organização não-governamental chamada União das Nações Indígenas.

Terena é um intelectual de primeira linha: escreve artigos em jornal de grande circulação nacional, participa de debates em universidades, aqui e no Exterior, e conhece a fundo temas políticos nacionais e internacionais. Nem por isso deixou de ser índio ou renegou seus costumes e tradições. Ao contrário, faz sempre questão de: enfatizá-los.

Mas, graças à escolaridade que possui - e que é negada à quase totalidade dos demais índios brasileiros -, pode desfrutar de bom padrão de vida, com acesso aos mais sofisticados bens culturais e tecnológicos da humanidade. Não vive na selva, nem tem na gripe uma inimiga mortal. Conhece a vitamina C, a penicilina, a informática e os livros. Viaja de avião e anda em bons automóveis.

O que Hélio Jaguaribe propôs foi estender aos 250 mil índios brasileiros, via escolarização acelerada, as mesmas chances que o destino propiciou a Marcos Terena. E não apenas aos índios, mas também aos outros 30 milhões de brasileiros que, segundo o IBGE, vivem em condições abjetas de pobreza, no interior e nos grandes centros do país.

Tratar o índio como espécie animal exótica, confinando-o em estado primitivo na selva ou em reservas ecológicas, como um mico-leão ou outra espécie em extinção, é negar-lhe o mais elementar direito humano, que é o acesso ao conhecimento e ao progresso pessoal.

Sabe-se que, em torno do índio, instalaram-se os mais variados interesses político-econômicos. Natural o protesto da Funai: que seria dela e de seus empregos sem os índios em dependência plena do Estado? Idem as centenas e centenas de seitas estrangeiras (católica e protestantes) e as ONGs, que vivem de verbas de governos, daqui e de fora?

O Brasil, historicamente, foi cruel com seus índios. Mas ainda os possui - e não apenas em estado tribal, mas aculturados, como Terena. Com todos os pecados cometidos, o símbolo nacional na questão indígena é o general Rondon, que dizia: "Morrer se preciso for, matar nunca". Nos Estados Unidos o símbolo é o general Custer, que Hollywood imortalizou com a frase: "Índio born é índio morto".